

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identities se transformam a todo tempo. Elas são definidas, aceitas ou rejeitadas pela sociedade, na qual os processos de deslocamento e de permanência e as relações interpessoais as impactam diretamente. Como pudemos observar através da trajetória da família Gonzalez, os imigrantes-refugiados têm seus rótulos identitários criados em seu país, como o de trabalhadores, por exemplo, trazidos à tona ao tentarem se diferenciar e terem possibilidade de acessar oportunidades no Brasil. Também são condicionados a novos rótulos, como o de refugiados, que procuram transformar enquanto estabelecem suas vidas através do trabalho. Outros rótulos, como o da solidariedade, eles escolhem para si ao se relacionarem com brasileiros.

O poder que os diferentes territórios, moradias e atores exercem sobre os refugiados venezuelanos afeta a forma com que se veem. Por serem um grupo desterritorializado, ficam suscetíveis às mudanças e diferentes nomenclaturas (imigrantes-refugiados, refugiados econômicos, entre outros). Posteriormente, assumem outros diversos rótulos: imigrantes, que apresenta um aspecto mais positivo e menos discriminado do que o de refugiados e, na sequência, trabalhadores, o que justifica para eles sua presença no Brasil, além de ser o passaporte para sua independência.

Como cristãos, recebem o amparo de que necessitam das iniciativas identitárias a que se vinculam, assim como pressupõem um comportamento e uma ponte para a socialização no Brasil. Além desses rótulos que escolhem, existem aqueles que lhes são dados, como o de refugiados e o de pessoas em situação de rua.

A transição entre espaços provisórios e “não lugares” os faz buscar um território duradouro que seja um novo lar em que possam se reconstruir, manter suas heranças culturais e ofertar um local seguro, um “território-rede”. Nesse contexto, a solução se encontrava no trabalho, motivo da migração e refúgio. Ele se torna a condição da vivência deles e serve como ferramenta de reconstrução. As novas profissões e a independência dão mais uma camada às suas identidades, de forma que há segurança para novas escolhas – inclusive a de ficarem permanentemente no Brasil – e são preservados aspectos identitários culturais que trouxeram de seu país de origem.

A barreira linguística, ainda que o espanhol seja próximo do português, surge como um desafio em longo prazo para os membros da família, uma vez que o estigma com migrantes latino-americanos é real e influencia a integração deles com a sociedade brasileira, ao passo que quanto melhor se comunicam em português, mais facilmente são absorvidos socialmente.

Sendo assim, o caso da família Gonzalez nos ajuda a compreender alguns aspectos identitários presentes nas diversas fases de integração social que são submetidos desde a saída de seu país até a inserção em Barbacena, de forma que contribui para que entidades e instituições que atuam diretamente com refugiados venezuelanos conheçam mais sobre o movimento migratório e de interiorização no Brasil.